

Stadium

N.º 124 ★ 18 DE ABRIL DE 1945 ★ PREÇO 1\$50



SPORTING-F. C. PORTO

Octaviano, com a energia que se reflete na sua máscara, consegue impedir que Peyroteo remate. Barrigana, entretanto, parece bem colocado para defender.

O CAMPEONATO DA SORTE... E DO AZAR

Tudo pode suceder a eliminar

Característica jornada de um sistema emocionante, com a nota alegre dos resultados—surpresa

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

O panorama mudou. Da calma do Campeonato Nacional, com a sua característica de regularidade, às vezes sinónimo de monotonia, entrou-se na agitação da Taça de Portugal, com seus saúdes e imprevistos.

Tudo é diferente agora. Na competição a eliminar vive-se em constante sobresalto. Ninguém pode dormir. Nem em casa, nem fora. Porque a necessidade imperiosa do triunfo se junta outra não menos importante, a dos *goals*. Não basta vencer; é ainda preciso que cada clube se ponha a coberto da adversidade que porventura o laturo lhe reserve.

Os torneios ao *deita-fora*, em contraste com os da regularidade, tem ainda a qualidade de também *jogar* um elemento extrínseco, e que se chama *sorteio*. Ai daquele que a fortuna não favorecer. Mesmo que forte—será sacrificado ao sistema. Basta acasalar fortes contra fortes e fracos contra fracos. Pense-se ainda que nem sempre o mais categorizado consegue vencer (tardes são tardes e a bola é redonda) e ter-se-á uma ideia nítida da contingência destas emotivas competições que arremessam para a vala os concorrentes, quasi sem se importarem com a sua categoria ou com a sua vocação de vitória.

Trata-se de um conjunto de lutas esgotantes, dramáticas e tílânicas, de desfecho insusceptível de remédio ou conforto. Os primeiros resultados, de resto, caracterizam melhor do que as palavras a Taça de Portugal, no modelo das duas mãos em cada eliminatória que, fugindo à regra clássica, ainda assim dá margem para imprevistos e surpresas, altos e baixos, alegrias e dramatismos. E os tão expressivos na sua simplicidade:

Sporting ... 0 — Pôrto 0
Belenenses. 1 — Estoril 0
Salgueiros. 4 — Benfica 2
C. U. F. 2 — Oihanense.. 3
Atlético ... 2 — Elvas 3
Vitória (G.). 0 — Vitória (S.). 1
Bonavista ... 2 — Académica. 0
Oliveirense. 4 — Luso Beja.. 2

A última justa da época tem ainda a enorme vantagem de vermos rostos novos. Passamos meses e meses a ver sempre as mesmas caras, e esta mudança que se verifica não deixa de ser agradável. Sobretudo quando as novas forças concorrentes, quasi ignoradas do futebol português, dada a sua existência pacata e longínqua, nos aparecem estuantes de entusiasmo e resoluções a pôr uma nota colorida no panorama geral da organização. É escusado salientar o valor que tem para nós este aspecto, tão grande que há muito vimos te-

nazmente requerendo a maior *extensão* dos campeonatos, a desconcentração em vez da concentração, tendo em vista uma distribuição de concorrentes que agitasse, sob o ponto de vista futebolístico, o maior número possível de regiões. De resto, não se pode dizer que os factos não justifiquem a adopção desse critério. Pelo contrário, cada vez iluminam melhor a orientação. Aquêles que combatiam, por exemplo, a entrada do Algarve na Primeira Divisão, já estão, mesmo, sem fala. Mados de todo. As provas são realmente de esmagar. Ainda não é tudo. Mais um pouco de boa-vontade e atingir-se-á uma fórmula tanto quanto possível perfeita—deixando viver quem tem condições de vida. Mas não nos desviemos da Taça de Portugal.

A imagem dos 8 encontros

Compete-nos, na linha traçada para esta crónica tentar, dar a imagem dos oito encontros em meia dúzia de pinceladas. Quere dizer, surpreender nos desafios os seus traços fundamentais.

No Sporting há a notar a reaparição de Peyroteo, afastado por lesão, e de João Cruz, fora da actividade; e no grupo do Pôrto o regresso de Catolino, ainda ressentido de grave toque, e a aparição de um novo elemento no posto de médio-direito.

Como era de prever, as peças do *team* lisboeta estavam dispostas ao ataque e para o ataque, e os portuenses em feição de defesa. Um e outras desempenharam-se razoavelmente da missão, fornecendo um jogo de qualidade. O facto dos sportingistas não terem feito *goals* dá-nos o direito de dizer que o seu ataque falhou? Verdade, o resultado é que interessava. Todavia, o ataque dos *leões* soube criar muitas oportunidades, e apesar da vigilância ser apertada só não marcou—por acaso. Acrescenta-se para completar o pensamento: o sistema defensivo do Pôrto funciona bem. Com um *back* estapendo, mas todos os outros elementos dentro de instruções recebidas. Permitindo ainda ofensivas...

— O Belenenses apresentou-se com a formação dos ditimos jogos. No Estoril, uma novidade: o alinhamento de José Mota (Gesso), um jogador vindo da Madeira, que acaba de conquistar certa de alforria.

É fácil caracterizar este encontro: exceptuando certas fases de reneção do Estoril, é de intenso domínio do Belenenses, mais acentuado na segunda parte. Houve um período em que os homens do Estoril se aglomeraram todos na grande área. Isto diz tudo. Porque venceu, então, o Belenenses, apenas por uma bola?

1.º, devido à infatigável actividade da defesa do Estoril; 2.º, dada a falta de remate dos avançados *azuis*, mal que parecia ter fugido e que volta a assentar arcaicos na linha avançada mais artística que há em Portugal. Veja-se isto: a única bola foi marcada por um extremo. Eis um vestígio claro de insuficiência na hora da verdade!

— Tanto o Salgueiros como o Benfica mudaram de fardamento: estes aproveitaram-se da camisola branca e de vivo encarnado na gola; aqueles de verde. No Benfica alinhou nas rédes Martins, o guarda-redes esquecido.

O Benfica, acusando possivelmente o eslôrço do seu estapendo *sprint* no Campeonato Nacional, não acelerou logo nos primeiros momentos. Tinha tempo para vencer, tanto mais sentindo a superioridade do seu conjunto, especialmente no capítulo da técnica. Por vezes basta uma boa colocação no terreno para conter toda a espécie de entusiasmos. Outras vezes não chega. O caso é que, dominando territorialmente, o Benfica chegou ao intervalo com 1-1, devendo registar-se a segurança de Peixoto.

Isto animou os rapazes do Pôrto. A coisa não estava tão feita como julgavam. E à força de entusiasmo, os avançados do Salgueiros conseguiram atacar por sua vez, e com tal felicidade que o marcador sabia para 3-1 a sua favor.

O Benfica acordou, então. Para grandes males—grandes remédios. E a prova de que os lisboetas tentaram tudo está na passagem de Xico Ferreira para o lugar de Teixeira. O esplêndido médio alguma coisa conseguiu: um *goal*, pelo menos. Mas era tarde. O

Salgueiros estava senhor da situação, ganhando mesmo com certo desembaraço.

— As linhas do Oihanense e da C. U. F. não apresentaram quaisquer novidades, a não ser a continuação de Cabrita no pósto que o torna *internacional*.

O desafio comportou duas partes—própriamente quanto a jogo. Um primeiro tempo de domínio territorial—e porque não técnico, afirmado numa melhor posição no terreno?—dos lisboetas. Estes fizeram jogadas muito bem feitas até à área da tradação. Ai, ou por atrazo no remate, ou por má direcção da bola, não conseguiram o mínimo de *goals* suficiente para lançarem o desafio ao adversário. Deu-se então, no segundo tempo, o inevitável, a bela reacção algarvia ordenada com o método que há já no grupo, à base do lance de antecipaço e de velocidade. Reacção que encontrou no poder de remate a expressão devida. Dai o triunfo.

— O Sport Lisboa e Elvas fez uma estreia triunfante em Lisboa. Como todos os grupos menos adestrados em técnica e menos experientes revelou um entusiasmo transbordante. E lógico e natural. Estes clubes como o S. L. e Elvas vivem um pouco ignorados, justificando-se por completo o seu aneio de *marcar* na capital. Sabem perfeitamente que deixar fugir esta oportunidade é um crime. E a altura de se tornarem conhecidos nam instante. No fundo é a razão porque todos os grupos da Província jogam em Lisboa com extraordinário *elan*. Mas os Elvas mostrou, além disso, bom toque de bola, ou domínio, desembaraço, visão de jogo e personalidade. De começo indeciso—melhorou pelo tempo adiante. Ao colocar-se em vencedor não deixou fugir a presa. O Atlético, grupo duro e experiente, quis impor ainda um ritmo de jogo, trocando Gregório com Catinana, o jogador eficiente com o elemento de

(Continua na pág. 6)

STADIUM E O ÊXITO DAS SUAS EDIÇÕES

DESDE o primeiro número que STADIUM tem procurado BEM SERVIR o público desportivo e o acolhimento que milhares e milhares de leitores, espalhados por todo o país, ilhas e África, tem dispensado às nossas iniciativas,

esgotando as tiragens da STADIUM

é o prémio dos nossos esforços e sacrificios.

O êxito das separatas que estamos a publicar vai além do que previamos.

Nova série de separatas vai ser editada, a sair no próximo mês de Maio:

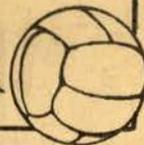
Os emblemas de todos os clubes desportivos

Os nossos leitores terão na STADIUM, em sucessivas fâlias soltas, os emblemas daqueles clubes, fielmente reproduzidos COM TODAS AS SUAS CORES.

Os clubes que não nos enviaram ainda os seus emblemas, devem fazê-lo sem demora para a nossa Administração.



NO MUNDO DA ROLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

V. JULGA QUE SABE MUITO DE FUTEBOL?

Responda — se é capaz...

TODOS os dias encontramos pessoas que nos falam de cátedra sobre futebol, nos seus mais importantes aspectos — e às vezes nos mais insignificantes.

Julgam-se verdadeiros dominadores de lóda a ciência futebolística. Nada lhes escapa, desde a actuação dos teams e jogadores mais populares à actividade de nomes desconhecidos e às vezes perdidos nas categorias inferiores, tratando por igual da Organização e das Regras do jogo, recitando números e fixando datas.

Quantas vezes nos dizem: Fulano disse isto num artigo, ou num discurso. Pois sempre lhe digo que não tem razão nenhuma, por isto e por aquilo, e também por que a gente também sabe alguma coisa do "pontapé na bola".

Pois bem. Propomos um passatempo agradável para os entendidos, o qual consiste em formular cinco perguntas sobre a bola, qual delas a mais corrente.

Damos em seguida um quarto de hora para a resposta. Se o leitor responder a lódas pode crer que é um verdadeiro sábio em questões de futebol. Se responder a quatro, ou mesmo a três, ainda é um sábio, embora... sabendo menos... Se responder somente a duas, baixa de categoria no nosso conceito, sendo ainda um respeitável conhecedor do futebol. Se responder apenas a uma — limita-se o leitor a saber aquilo que todos sabem! Se não responder a nenhuma sabe o leitor muito menos do que aquilo que calculava que sabia, não deixando de ser um bom adepto, daqueles que vão para o campo apenas para descarregar a bilis. Eis as perguntas. Atenção ao relógio. Tem um quarto de hora!

1.º — Em que data se fundou o Benfica?

2.º — Qual a cor da camisola do Internacional?

3.º — Como se chamava o jogador considerado pela crítica como o maior futebolista português de todos os tempos?

4.º — Quem foi o nosso jogador que bateu pela primeira vez o célebre Zamora?

5.º — Qual o nome de um jogador conhecido pelo apódo de "Canana"?

ATENÇÃO — Caso tenha chegado para a decifração o quarto de hora que propomos acima, transigimos em dilatar o tempo pelo prazo suficiente para se recordarem, dado o nosso convencimento de que, no fim e ao cabo, encontrarão as respostas, pois de sobejo conhecemos as qualidades dos nossos leitores. Querendo — podem dizer-nos o que se lhes oferece até sábado próximo.

UMA SUGESTÃO

OS CRITICOS DE FUTEBOL numa reunião mensal

NÃO faz mal divagar um pouco sobre o tema: os críticos de futebol podiam reunir-se uma vez por mês, à roda de uma mesa de jantar, que é ainda o melhor ponto que os homens têm de estabelecer contacto uns com os outros, ou noutra qualquer local, analisando e discutindo em conjunto vários problemas que respeitam à sua actividade.

Estamos já a ver a primeira objecção:

— Se andamos todos em desavenças, alguns nem sequer mantendo relações pessoais, como é que uma ideia dessa natureza podia transformar-se em realidade?

Não nos parece um argumento-obstáculo de valia. Primeiro: Há que ver que diferentes pontos de vista sobre igual matéria, mesmo expostos com entusiasmo e com o sal e pimenta que são no fundo os ingredientes que dão sabor à discussão, não são incompatíveis com o respeito mútuo — quanto mais com a amizade ou com a convivência. Desde que o mundo é mundo que se discutem problemas de lóda a ordem, acontecendo que é nesse debater de ideias que a civilização se tem aperfeiçoado. Em ponto pequeno — porque não dizer o mesmo do futebol? Crêmos sinceramente que as questões postas à vista do *association* têm servido o Jogo.

Segundo: O facto de um ou outro corte mais fundo, separando os homens no campo da convivência, não quer dizer que eles não tratem em conjunto do que interessa à sua profissão. Interesses comuns apresentam um critério à margem de tudo. Quem sabe se estas reuniões não teriam ainda como fim secundário aproximar homens desavindos, às vezes separados por meras questões de *lana caprina*?

Mas não é isso que está em causa. A nossa ideia é simples: congregar os críticos de futebol — e porque não os críticos desportivos? — na defesa não só dos seus interesses próprios, como ainda de interesses mais alevantados e de certa maneira inter-dependentes, os do próprio Jogo.

Quando não — o jornalista do futebol continuará a ser tratado como até aqui, deixando, por comodismo, que não lhe dêem comessinhas possibilidades de trabalho e que lhe neguem quaisquer direitos, inclusive os de cortesia. Começa a ser vexatório terem de estar horas e horas nos bancos de um Organismo, com os directores azafamados passando constantemente por eles, para fundamentalmente colherem uma notícia que, algumas vezes, interessa mais ao Organismo do que a quem quer que seja!

Bem poderiam ser aproveitadas essas reuniões mensais para outras coisas úteis, como seriam a apresentação de teses relativas ao futebol, e sua análise profunda.

É possível fazer esquecer as desavenças e rivalidades um dia em cada mês entre os críticos do futebol? Não o sabemos. Até mesmo porque, desconhecido como somos, não temos certamente autoridade para limar tódas as arestas que delimitam o problema — passando da divagação ao campo prático. Cumpre à gente da crítica dizer o que pensa sobre o caso. Ou então não dizer nada...

Quatro opiniões

1. Um conhecido treinador tem a opinião que o futebol espanhol não passa do produto de uma publicidade bem lançada.

2. Segundo um crítico, o sistema em diagonal da arbitragem portuguesa nem sequer serve a marcação de bolas fora.

3. Um dirigente dos leões entende que a boa harmonia, ou a solidariedade que prende todos os jogadores do grupo, foi a causa da subida do Sporting no Campeonato Nacional.

4. Muita gente julga que a selecção portuguesa na Corunha será diferente da que se apresentou em Lisboa. Tudo poderá acontecer. Até isso!

Há resposta para tudo...

P. 57 — Gostava de saber quem é o jornalista desconhecido.

Quando o Olhanense ganhou o Campeonato de Portugal, que grupo deontou na final?

Acha que o olhanense Cabrita continuará como internacional? (Um algarvio, que não é de Olhão).

R. 57 — Para quê? Talvez não seja aquele que V. pensa que é... O Porto, ao qual venceu por 4-2. Por que não?

P. 58 — Porque razão é que o guarda-redes do Benfica, Martins, não tem jogado? Sempre é verdade o Benfica ir

Dois jogos internacionais

Experiência espanhola

FOI ainda há pouco tempo, e precisamente a última intervenção de Eduardo Teus, o conhecido jornalista, como seleccionador do país vizinho. A Espanha, com um *team* nacional que, necessariamente, havia de mostrar as brechas produzidas pela abalada dos *ases*, aceitou uma larga deslocação, com dois desafios de responsabilidade, entre dois domingos de uma semana.

Em outros tempos, o futebol espanhol podia dar-se a semelhantes cometimentos, apesar da desvantagem que sempre representa fazer dois encontros seguidos em terra estranha. Actualmente — o caso comportava grandes riscos. Depois se viu que assim era. A Espanha, em chamamento glorioso de forças e energias, arrancou um empate na Alemanha, para depois perder por um resultado desvelado em terras da Itália.

A derrota foi glosada, como é da praxe, em vários tons, no país vizinho. Ninguém viu, porém, a causa fundamental. Esta era simples. A selecção espanhola não tinha, no momento, como ainda não tem, *jundo* para suportar duas partidas como aquelas. Se fôsse possível nova deslocação invertendo-se a ordem dos encontros, vêr-se-ia a razão do nosso juízo. Nessas condições, o grupo portar-se-ia magnificamente em Itália e não deixaria de sucumbir na Alemanha. Isto mesmo tivemos ocasião de dizer, numa carta, a Eduardo Teus, depois da viagem que verdadeiramente lhe custou o cargo que exercia.

Lembra-nos isto, a propósito de quê? — Ah! Já sabemos. É que o *team* de Portugal, segundo se diz, tem duas deslocações à porta: uma a Corunha e outra à Suíça. Diz-se... mas nós continuamos a não acreditar, no que estamos no nosso pleníssimo direito... Tem o grupo nacional *jundo* para suportar os dois terríveis embates? Será de boa política, na altura em que se pretende organizar uma linha de nível internacional, correr o risco de, em hora e meia, inutilizar todos os esforços já realizados?

Bem sabemos que *perder* não é desonra. Evidentemente. Simples incidente da luta. Mas há tantas formas de perder que algumas vezes a derrota tem qualquer coisa de afrontosa. O que obriga a caminhar com prudência...

a Espanha jogar com o Real Madrid?

Quando é que Manuel de Costa volta a jogar? (Um Benfica, de Felgueiras).

R. 58 — Martins está de perfeita

(Continua na página 15)

Acácio MESQUITA

que foi dos mais clássicos jogadores do futebol português vai ser homenageado no PORTO

NUNCA me esquecerei de vários jogos efectuados por Acácio Mesquita! Compreendia-o tão bem, conhecia-lhe de tal modo a maneira de jogar e de servir o seu clube — que não me faltaram pessoas a discutir uma opinião ainda hoje mantida. Acácio foi dos melhores jogadores de todos os tempos. Dirigiu eu «O Norte Desportivo» ou escrevia em «O Primeiro de Janeiro», não me lembro bem, quando chamei ao trio Waldemar — Acácio — Pinça os «Três Diabos do Meio Dia»...

E porquê? Porque num desafio, efectuado às 12 horas, contra o First de Viena, campeão da Austrália, o F. C. Porto havia honrado o futebol português, marcando 3 «goals» sem resposta de tão categorizado adversário? Julgo que não. Nesse dia, por acaso, no lugar de Artur Sousa alinhou Carlos Mesquita — o habilidoso irmão de Acácio. Imitel, talvez, uma lenda «internacional»...

Mas, na verdade, o título fez carreira na Capital do Norte. E Acácio, que se encontra agora no Caramulo e a quem o Porto vai prestar homenagem no dia 3 de Maio, nem um só momento deixou de ser o avançado centro ideal, o homem que «quando queria» ordenava inteligentemente o trabalho da sua equipa. Tinha cabeça e dois pés de artista!

Saído a tempo dos infantis do grande clube da sua vida, parecia indiferente a tudo, no campo; o jogo, o mais importante, não lhe mexia com os nervos; o resultado, um título, — não o faziam vibrar. Parecia, pelo menos, que era assim...

Vi-o, entretanto, em dias «grandes». Contra o Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, que o Porto venceu por 2-1; contra os campeões da Austrália; contra a selecção do Brasil, que se multiplicou para empatar 0-0 com o F. C. Porto; e contra o Benfica, perdido no Amal, derrotado por 8-0 — Acácio foi «ele mesmo». Em Coimbra, numa final contra o Belenenses, depois de 4-4 oito dias antes, Acácio marcou um dos «goals» mais lindos que tenho visto na minha vida — o da vitória do F. C. P. — colaborando com seu irmão Carlos. Que o diga João Pedro Belo, forçado a um salto de peixe, desesperado, em direcção à rede, para impedir o «toque» inteligentíssimo do avançado centro azul branco. Estas coisas saíram-lhe a «brincar», muito à vontade. Nunca precisou de ser «áspere» ou atrevido. Jogava — porque «jogava»...



Embora aos 18 anos fôsse chamado a suplente do grupo de Portugal, nunca se interessou pela sua entrada definitiva. Todavia, por se lhe reconhecerem extraordinárias qualidades, foi avançado centro contra a França e contra a Espanha. Era uma espécie de Gaspar Rúbio, tipo de jogador nostálgico — e as suas actuações não foram reconhecidas pela crítica, talvez por isso.

Não se dedicou só ao futebol. Praticou atletismo e conquistou dois anos o campeonato nacional do triplo-salto. Estabeleceu, por duas vezes, o «record» nacional, com 13,43^m. Ganhou vários campeonatos regionais de salto em altura, salto em comprimento, triplo, 110 metros barreiras e 4x100. Foi seleccionado, nestas modalidades, contra Vigo e contra Lisboa, batendo de uma vez o campeão nacional de 110 barreiras, Palhares Costa. Foi campeão de «basket-ball» do Porto (2.ª categoria).

A sua habilidade natural juntava predicados de desportista nobre na luta. Viviu num clube de tradições, a «amaradava» com atletas de bom quilate, como Waldemar, Hall, Avelino, Jerónimo, Alvarito, Artur Sousa, Lopes Carneiro, seu irmão Carlos, Pedro Temudo e Siska, de modo que nunca se viu forçado a uma ou outra atitude rebelde.

Acácio será lembrado por muito tempo ainda. Alguns recordam o seu desinteresse em vários jogos, mas ninguém pôd rá culpá-lo de menos activo quando o F. C. Porto precisava do resultado.

O público do Porto, que o admirou, que o aplaudiu entusiasticamente, vai por certo pagar-lhe uma dívida de gratidão. Bem gostaria eu de estar presente, no dia 3 de Maio. Mas não deixarei de lhe desejar, como todos, as melhoras que lhe e os seus amigos ambicionam. E oxalá que a festa preparada pelo F. C. Porto, cuja camisola soube engrandecer e dignificar, desde árbitro, não encontre dificuldades na sua tarefa. Acácio, campeão do Norte, de Portugal e da extinta Liga, vencedor das mais difíceis provas de atletismo, — é um nome que está ligado à história brilhante da sua agremiação.

Para rematar, uma atitude de Acácio: há tempos, já não jogava, quis ver o «team» do F. C. Porto contra o Sporting, no Lumiar. Veio a Li-bos. Dirigia-me eu para o campo, faltavam 5 minutos para principiar o desafio — quando ele passava pela alameda 28 de Maio, em direcção à baixa, com aspecto nervoso.

— O que fazes, Acácio?

— Vou-me embora... Já estive no campo, perdido no peão, mas não tenho coragem para ver o jogo. Gastarei o tempo a dar voltas às ruas de Lisboa, à espera do resultado...

E acusavam este rapaz de não ter sensibilidade clubista!

Rodrigues Teles



1 — Num jogo entre o F. C. Porto e o União de Lisboa, Acácio, com a correção que lhe era peculiar, vê o seu remate repellido por Carlos Silva, num corajoso mergulho; 2 — No celebre encontro com o First de Viena, Acácio mostra-nos o seu estilo numa jogada de cabeça; 3 — No mesmo desafio, o grande jogador numa das suas clássicas atitudes; 4 — Uma das últimas equipas do F. C. Porto em que Acácio Mesquita alinhou: a partir da esquerda, no 1.º plano — Lopes Carneiro, Waldemar Mota, Acácio, Artur de Sousa e Castro; no 2.º plano — Avelino Martins, Jerónimo, Nova, Alvaro Pereira, Carlos Pereira e Soares dos Reis. De todos estes jogadores, só Lopes Carneiro e Jerónimo não foram internacionais.

O FUTURO ESTÁDIO DO BENFICA

segundo os planos do eng. PIRES VENTURA

STADIUM tem o prazer de informar hoje os seus leitores de como será o futuro estádio do Sport Lisboa e Benfica. O grande clube entra finalmente na fase prática dos trabalhos para a construção de um campo de jogos compatível com a sua categoria desportiva. Já num dos nossos últimos números referimos como seguim as negociações. Hoje podemos descrever o que vai ser a grandiosa obra projectada.

Com a sua característica amabilidade, o sr. engenheiro Mário Pires Ventura expôs-nos como vê o futuro estádio dos «encarnados». No seu gabinete de trabalho, o jornalista teve o prazer de o ouvir durante largo tempo, enquanto a sua mão experiente traçava para nós o esboço do estádio do Benfica. Apresentamo-lo aqui aos nossos leitores com duplo prazer: pela novidade e pormenor da notícia e pelo regosijo de sabermos que a capital vai começar a construção de um novo e magnífico parque de desportos.

A obra está entregue nas melhores mãos. O engenheiro Pires Ventura — sócio do Benfica há 20 anos — alia às suas qualidades de técnico estudioso e competente, personalidade de desportista de valor.

Aos 13 anos foi campeão infantil de natação. Depois, jogador de «water-polo» — bellissimo avançado-centro — havendo disputado jogos em Madrid e Barcelona. Dirigiu durante anos a secção de natação do seu clube, bem como a de atletismo, modalidade sua preferida. Tem ocupado diferentes vezes cargos nos concelhos técnicos da Associação e da Federação de Atletismo e neste último organismo está em exercício há 6 anos.

A construção do estádio do Benfica é uma necessidade. Como também já dissemos, o assunto foi submetido à Câmara Municipal, que pediu indicações sobre as superfícies exigidas. Verificada a

impossibilidade de ser concedido o terreno do Jockey Clube e partes os de Benfica, a Câmara indicou outros na avenida Alferes Malheiro, do lado direito, depois do hospital Júlio de Matos.

— Os terrenos — diz-nos o eng. Pires Ventura — parecem-me muito bons quanto a localização, embora existam elevações, facto que só economicamente afecta a obra. Mas como não existem construções adjacentes, torna-se possível dar a exposição e o contorno ideal aos diversos parques de jogos que hão-de formar o estádio.

O autor do plano fala-nos com compreensivo entusiasmo da sua obra, na qual será chamado a colaborar outro valioso elemento do Benfica: o engenheiro Dionísio Magro.

— Esta obra é para o futuro do Benfica... — continua. A sua grandiosidade, e por conseguinte o seu custo, não permite que tudo se faça de facto. Mas as construções irão aparecendo a pouco e pouco, sempre em obediência ao plano estudado previamente. Pelo menos, a obra deve custar algumas dezenas de milhar de contos. Mas seguindo-se o projecto idealizado ter-mos qualquer coisa com princípio, meio e fim.

«A área prevista é de 147.000 m². O plano está traçado em todo com grandza, mas também com possibilidades de execução. Depois, o local é compatível com a situação do clube, com localização magnífica, servido por amplas avenidas — Campo Grande, Alferes Malheiro, Almirante Reis. Muito próximo edificar-se-á um grande bairro de casas económicas. As instalações desportivas que o Benfica projecta também para o local representarão logo um benefício de ponderar para os milhares de futuros habitantes daquele bairro.

O eng. Pires Ventura faz uma pausa e depois recorda a construção do actual campo, lembrando as «vozes» que se ergueram a propósito da sua modestia, por ser totalmente de madeira.

— Provou-se que tínhamos razão, que vimos bem o problema quando fizemos tudo em madeira. E que previmos a demolição dentro de 6 a 10 anos e assim o clube seria prejudicado no fim possível. Se tivéssemos utilizado cimento e ferro — tudo se perderia. Assim, toda aquela madeira terá ainda aproveitamento, até mesmo na construção das futuras instalações.



Eng. Pires Ventura

Passemos em seguida a ouvir a descrição do futuro parque do Benfica:

— Previ esta obra tendo em atenção o desenvolvimento futuro do Benfica. Conto com capacidade para 45.000 pessoas mas com possibilidades de alargamento, pois deixarei o espaço necessário em volta das binnedas.

«Todos os campos de jogos serão orientados no sentido Norte-Sul, na sua maior dimensão, com grandes vantagens para os praticantes.

«O campo de futebol, relvado, terá as dimensões internacionais de 110x70 metros. Servirá igualmente para a prática do «rugby», com a vantagem de ser maior a zona de «shola morta». Em redor deste terreno de jogo — as pistas para atletismo, que além de permitirem as provas de 110 metros — barreiras à vontade terão a largura de 1,20 m. e serão traçadas para seis corredores. Nos topos ficarão as caixas para saltos e os círculos para lançamentos.

«Circundando a pista de atletismo haverá um velodromo, construção que tem sido muito descuidada em Portugal mas que encerra interesse enorme. Depois, as bancadas. Penso que o peão deverá ter lugares sentados, visto que poderá acomodar-se muito mais gente.

«Uma vedação apropriada separará este campo atlético dos terrenos onde se construirão os restantes parques: um campo pelado, com 100x64 m. para treinos de futebol e jogos de «hockey»; uma piscina — o Benfica voltará assim à prática da modalidade que abandonou há oito anos... — com lotação para 3.000 pessoas; «rink» de patinagem, com 2.000 lugares; campo de «basket» e de «volleyball», para exhibições, igualmente com lotação para 2.000 mil espectadores; num espaço mais pequeno teremos campos de treino para aquelas duas modalidades, um «court» de «tennis» para exhibição com 2.000 lugares e mais quatro outros «courtes» para treinos e aluguer. E no extremo deste belo parque a carreira de tiro, com alvos a 50, 100 e 300 metros.

«Em instalações anexas: pavilhão junto ao campo de futebol, para ginásio, salão de festas, casa de repouso para atletas, posto médico, etc. Arrecadações, aproveitando as infra-estruturas das bancadas e balneários, com o seu túnel de ligação. Enfim... Uma obra com características definidas mas que será capaz quando estiver pronta!

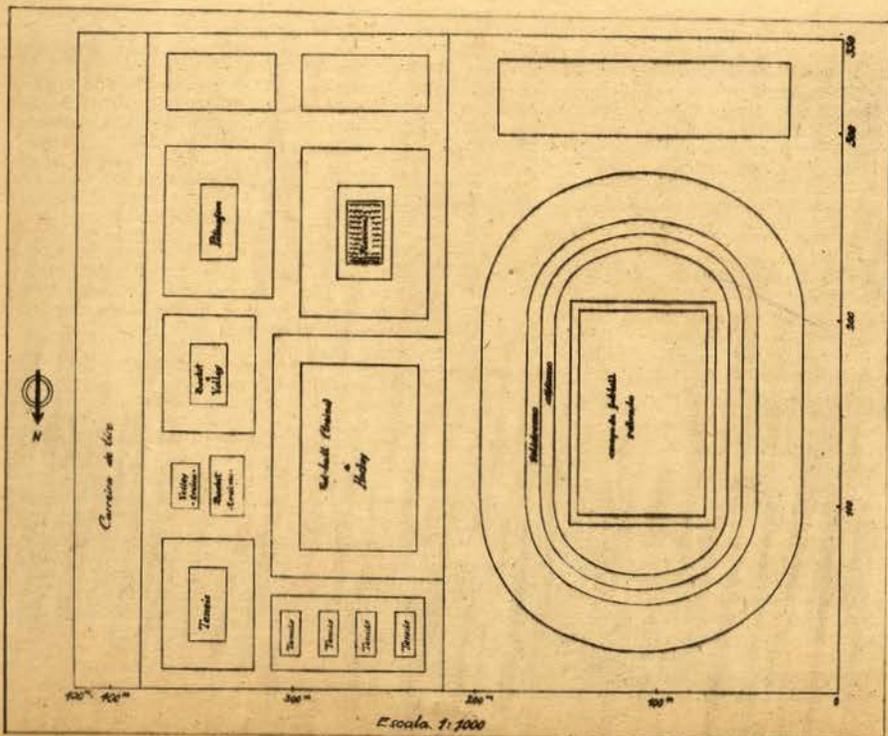
— Não está prevista a construção da sede junto de tão grandioso parque? — Interrompemos...

— Eu julgo que o Benfica, como club «internacional» que quasi pode ser considerado, necessita de ter sempre a sua sede e secretaria no centro da cidade...

O sr. engenheiro Pires Ventura havia-nos fornecido os elementos necessários para trazer a público esta bela iniciativa do popular Benfica. A obra está traçada por alguém que possui a dupla qualidade de engenheiro e desportista e que trabalha com o entusiasmo de técnico e de dedicado sócio do clube.

O estádio do Benfica — vai começar!

FERNANDO SÁ



Carlos Quadros e Maximiano Rola vencedores das últimas provas dos campeonatos de amadores

Tavares da Silva e António Maria são campeões distritais, respectivamente em seniores e júniores

SE todos esses incondicionais admiradores do ciclismo que existem no nosso país pudessem ter seguido no domingo os estradistas seniores na sua última prova do campeonato regional, decerto felicitariam-se, por se haverem deixado enlevar por tão bela modalidade desportiva. Que admirável corrida, tecnicamente quase perfeita, e que grande espectáculo, movimentado e emotivo, proporcionou a maioria dos concorrentes! E que bela proeza efectuada: 4 h. 59 m. 32 s. para 160 quilómetros, menos quasi 4 m. que o «recorde» da prova, atendendo já à menor distância percorrida!

Pouco depois da partida, a forçar ao ataque os homens do Lisgás, lote mais numeroso e homogêneo, Espadinha esgueirou-se. Sem quererem «queimar» Tavares da Silva e Ernani Ribeiro, favoritos ao título, os «verde-brancos» valeram-se de Aristides e Pinto Ribeiro para fazer a primeira perseguição da jornada, a qual terminou com êxito. A seguir, em demonstração de superioridade e também com o fim de fatigar Carlos Quadros, adversário de temer, os mesmos do Lisgás delibaram começar os arrancos.

Tentativa arrojada

Escudado nos seus recursos de homem «duro», mas quanto a nós confiado em demasia, Amândio Monteiro tentou a sorte, numa inciativa arrojada, a 130 quilómetros da meta.

Começaram então as provas inglórias de Aristides Paulo e Pinto Ribeiro, em tentativas infrutíferas para levarem o pelotão até ao fugitivo, seguindo-se depois, em fases espectaculares, a réplica de Carlos Quadros aos ataques secos e repetidos de Tavares da Silva — que durante largo tempo pretendeu também adiantar-se.

No entanto, mesmo a queimarem-se energias loucamente, isso não obsteu que se gastassem apenas 3 h. 5 m. para cobrir 100 quilómetros.

À corrida de um campeão

A desistência de Aristides, motivada por avaria, a quebra de forças de Pinto Ribeiro e a pouca convicção com que corria Ernani, ditaram que teria de ser Tavares da Silva — «leader» ao título e a quem, portanto, só cabia defender-se — o homem que devia impor «caça» ao fugitivo Amândio, que na «viragem» do Bombarral levava já a vantagem de 4 m. 12 s.

Foi necessária uma perseguição de 50 quilómetros, sempre comandada pelo correcto e voluntarioso estradista do Lisgás, para anular o avanço de Amândio e também para alcançar José Jacinto e Martins Ferreira, que entretanto se haviam igualmente adiantado. Durante esta caminhada, Tavares da Silva, que chegou a ter a posse de título comprometido, mostrou-se inegavelmente em brio e combatividade. Tal como em 1943, bem mereceu ser campeão de seniores.

Para quem duvidasse das possi-

bilidades de Quadros — e neste número devem estar muitos dos seus adversários, que não queriam admitir a possibilidade de um novo poder impôr-se tão rapidamente — a corrida de domingo deve ter sido convincente. Sendo a sua primeira prova de longa quilometragem, em que teve de lutar sósinho contra a forte equipa de Lisgás, Quadros, embora se mantivesse quasi sempre na defesa, mostrou que tem fibra. A perseguição fulgurante que fez antes de Torres, mercê da qual, saindo sósinho do pelotão, anulou, em menos de 500 metros, a vantagem que Aristides lhe tomou, e o seu final de prova, são factos que provam o seu valor.

Não se julgue que tais predicações surgiram do «ceu aos tramalhões». São, sim, o resultado de muito trabalho e persistência. Um exemplo para ser copiado...

Guilherme Jacinto — quanto a nós o mais ciclista de todos os irmãos — fez também uma prova meritória, sobretudo nos últimos 50 quilómetros. Vivêsse o «ataliense» em Lisboa, ou onde os seus treinos pudessem ser vigiados, e teria o ciclismo mais um bom independente.

Ernani Ribeiro, um homem que dá gosto ver-se pedalar — elegancia, ligeireza de movimentos e grande à-vontade sobre a maquina — «afundou-se» de mais no final da corrida. Talvez pouco fundo — treinos insuficientes para corrida tão dura.

Martins Ferreira, Espadinha e Pinto Ribeiro portaram-se dentro das suas possibilidades.

O campeonato de juniores

O título de juniores foi ganho, sem dúvida merecidamente, pelo «lourinhense» António Maria, com a bonita soma de 44 pontos (maximo 45). Rapaz de grande poder físico, mas sem a menor noção do que é a técnica de pedalar e montando de maneira que causa arrepios, conseguirá, no entanto, progredir — se for bem orientado

JUNIORES DA A. F. L.

Três clubes em igualdade

OS encontros da segunda jornada da «poule» final do campeonato de juniores da A. F. L. tiveram os seguintes desfechos: Benfica (A)-Belenenses (A)... 0-0 Fosforos-Belenenses (B)... 1-1 Sporting-Atlético..... 3-2

Em face destes resultados, a utilissima, competição adquiriu interesse extraordinário — verdadeiramente invulgar. Em boa verdade, só um resultado contribuiu para este aumento de expectativa. Pensava-se, e com certa razão, que a luta entre «encarnados» e «azuis» ditaria o campeão. Com efeito, a equipa que triunfasse ficaria isolada à frente da classificação — e numa «poule» de cinco jornadas essa posição era, realmente, invejável.

Assim, com um empate, ficaram

TUDO PODE SUCCEDER A ELIMINAR

(Continuação da página 2)

toque dextro. Nada conseguia. A defesa do team de Elvas, de boa organização, resistia com brilho.

— O Vitória de Guimarães defrontou o de Setúbal em Braga. Os setubalenses não caíram a fundo logo de início. Pelo contrário, souberam bem desear as suas forças, jogando cautelosamente no começo para, em seguida e no momento oportuno, darem ao seu jogo a feição enérgica do ataque. Precisamente o contrário de Guimarães. Estes sabiam que o seu papel era de ataque. Lançaram-se, pois, para a frente. Devemos dizer que bem. Realizando jogadas de conjunto, de bom desenho. Mas todas as suas tentativas resultaram indolentes. O adversário soube defender-se e cerrar fileiras. E ainda atacar com perigo de forma a, de posse de um goal, se concentrar novamente, e com êxito, no capital defensivo.

— O desafio Boavista-Académica, disputado com a vibração característica dos jogos decisivos foi um espectáculo agradável. No primeiro tempo, os estudantes mostraram-se mais perigosos, e ainda mais decididos no remate, o que afinal lhes deu o empate. Na segunda parte, quando o Boavista exerceu domínio, a sua incapacidade de remate tirou-lhe a possibilidade de triunfo.

— Pouco se pode dizer sobre o valôr do Oliveirense. Até onde poderá ir? A verdade é que o seu adversário não conseguia pô-lo à prova, isto é, obrigá-lo a

e tiver vontade de aprender. «Leão» por simpatia, será um interessante reforço para a equipa de Armando Rodrigues.

Neste campeonato parece terem-se revelado mais alguns elementos, que esperamos ver mais em acção para nos pronunciarmos sobre o seu valor.

GIL MOREIRA.

forneer o seu máximo rendimento, ou uma boa medida. Exceptuando o primeiro quarto de hora da segunda parte, o Oliveirense dominou sempre, poucas vezes esbarrando as suas ligações com os pés dos adversários.

Aspectos brilhantes da 1.ª mão

Sucederam na 1.ª mão dos oitavos da final muitos coisas dignas de figurarem em lugar de honra. Assim as apresentamos: a vitória brilhantissima do Sport Lisboa e Elvas; a aparição valiosa do União Oliveirense; a inesperada vitória do Salgueiros; o empate conquistado pelo Pôrto; e os triunfos do Olhanense e do Vitória de Setúbal.

Que nos diz a proeza do Elvas? Que ha espalhados por esse país fora alguns teams de nível regular que somente precisam de um empurrão para progredir. Não se lhes regateie o auxilio.

O caso do Oliveirense, dada a inferior classe do Luso de Beja, tem menos significado. Mas não será demasiada ousadia colocá-lo no quadro que acabamos de referir, tanto mais tratando-se de um clube que vive numa região muito semeada de futebol, e com teams de valor aproximado.

Do Salgueiros, sejam quais forem as razões que ditaram a sua vitória, deverá por certo concluir-se que a sua permanência na Primeira Divisão só lhe tem feito bem.

O empate do Pôrto é um score de grande significado. Anelações por ver o Pôrto no seu verdadeiro lugar, batendo o pé nos mais fortes de Lisboa, como nos tras eras. A nova orientação está a frutificar. Quem sabe — sabe.

O Olhanense e o Vitória de Setúbal afirmam-se forças poderosas. Lembremo-nos do seguinte: que qualquer clube pode perder no Lamiar A, e que os Historicos já tem conhecido a amargura da derrota contra Guimarães. Todos estes sintomas parecem indicar, e indicam certamente, que se joga mais, e mais mais, de um modo geral, na Província.

Os resultados da 1.ª mão dos oitavos ganham uma luz nova quando observados da seguinte maneira:

Vitórias fora de casa: Elvas, Olhanense e Vitória de Setúbal. Vitórias em casa: Belenenses, Salgueiros e Oliveirense.

Empates que, verdadeiramente, são triunfos para os visitantes: Pôrto e Académica.

Os que venceram fora de casa são, evidentemente, os que dormem com menos sobressaltos. Mas o Atlético irá a Elvas à conquista. Os que ganham em casa, à excepção do Oliveirense, têm uma semana desgraçada.

Quanto aos empatados, o Boavista desce aprensivo a Coimbra, enquanto que o Sporting sobe aprensivo ao Pôrto. Enfim — cada um arrasta a sua cruz. Bem pesada...

PUGILISMO

Os combates de sábado no PARQUE MAYER

Excelente exibição de Figueiredo
Má decisão do júri do combate

A sessão de pugilismo profissional realizada no Estádio Mayer, sábado findo, compreendia dois combates que por certo agradavam à assistência: o principal, entre Augusto de Sousa e António de Figueiredo, e o de abertura, entre António Costa e Rocha II.

Os restantes compuseram o programa de modo a não destaquem do conjunto — o espectáculo foi agradável de presenciar, levando a palma a outros anteriores, com mais pretensões.

Rocha II, portuense, mostrou, a par de desenvolvimento físico acabado, bastante intuição e alguma esgrima. Puniu, com vigor e frequência, a cara do lisboeta, que sangrou abundantemente. Costa, destreinado e pouco potente, fez um combate corajoso mas entremeadado de irregularidades desnecessárias, tais como cabeçadas, golpes depois do «break», curvar-se abaixo da linha de cintura do adversário, etc.

Após cinco assaltos, Pressler deu a vitória por pontos a Rocha. Ambos da categoria «meios-leves».

O segundo combate da noite travou-se entre Sousa II e outro portuense, Alfredo Guerra, em igual número de assaltos. Assistimos a uma exibição de saltinhos e pulinhos a mais, de começo, para em seguida presenciarmos luta severa e rápida. Sousa comandou a partida, variando os ataques ao tronco e exibindo jogo semelhante ao de seu irmão Augusto.

Jordão França declarou-o vitorioso com justiça. Alfredo Guerra pareceu-nos ainda algo crú para a profissão. Também «meios-leves».

O terceiro combate, entre Trindade e Joaquim Teixeira, não teve brilhantismo nem se equiparou aos dois antecedentes. Trindade ganhou de longe pela variedade de golpes, pela rapidez e pela tática assumida. Teixeira é um pugilista desinteressante: ataca em corridas escusadas e procura lutar apenas no corpo-a-corpo e na confusão que se estabelece. Tem o hábito de rir e falar com o adversário, ou com o árbitro, tirando ao combate a concentração e a seriedade indispensáveis.

Vitória por pontos, indiscutível, de Trindade, ditada pelo árbitro Rodolfo Pereira. Ambos «meios-leves».

Filipe Rebordão pôs K. O. ao 2.º assalto o portuense Miguel Ferreira, com um golpe na cabeça. Rebordão apareceu mais poderoso e com melhor aparência pugilística. O portuense tentou bater em *swings* que eram facilmente evitados. No 2.º assalto um golpe duro e rápido abateu-o e atordoou-o. Ao 10.º segundo estava no solo, mas abalado, e o árbitro Aluizio Falcão declarou-o fóra de combate.

Pertencem à categoria de «meios-leves».

O combate principal pôs frente a frente, pela sexta ou sétima vez, Augusto de Sousa e António

de Figueiredo, ambos acima do limite dos «meios-médios».

Figueiredo surpreendeu-nos pela sua vivacidade e pela variedade de jogo. Menos lento e menos agarrado ao solo, atacou de começo e só fraquejou no último assalto, quando a vitória por pontos já dificilmente lhe poderia fugir. Trabalhou muito bem com a mão esquerda, que entrou frequentemente, e com a direita finto ao tronco com êxito. Sobou esquivar as ripostas aos seus ataques — e daí o êxito rotundo em todos os assaltos. Continua abusando de certos defeitos peculiares, como o de baixar muito a mão esquerda e oferecer o queixo aos golpes, processo perigoso num atleta de reflexos lentos e mobilidade restrita. Mas, no conjunto, aplaudimos a sua exibição, das melhores a que temos assistido.

Sousa acabou fresco e não pôde aplicar o «contra» que lhe tem dado as vitórias sobre este adversário. Dominou no último assalto e nalguns bateu a preceito, com socos curtos e secos, mas pouco eficazes.

A decisão, dada por um júri, não nos satisfaz. O empate não corresponde à grande vantagem obtida por Figueiredo e o argumento de que muitos dos golpes acertavam nos braços é lançar poeira nos olhos alheios — e querer ver demasiado.

Um dos juizes concedeu a vitória a Figueiredo e os dois restantes optaram pelo *match* empatado, mas em nossa opinião a derrota de Sousa foi absoluta e rotunda. A arbitragem, de Machado Júnior, pouco brilhante e incerta.

Esta sessão merece ainda alguns comentários, que guardaremos para o próximo número.

RAFAEL BARRADAS

O SOL NAS PRAIAS

Durante a época balnear, a natação encerra o maior prazer para os frequentadores das nossas excelentes praias. Após o vivificante e completo desporto, o repouso na areia, sob um bom toldo, é agradabilíssimo — principalmente se se dispuser de um dos óptimos toldos da Fábrica Portuguesa de Encerados, cujas casas, na rua do Vale de Santo António, 71 e 75, e no Cais de Santarém, 66 — telefones 24083 e 24086, atendem prontamente todos os pedidos do género — uma das suas especialidades.

Assine a STADIUM

SEPARATA NÊSTE NÚMERO:

a fotografia de ALBERTO, capitão do Estoril Praia

Aos nossos leitores

«STADIUM» TEM O MAIOR INTERESSE em arquivar nas suas páginas todos os acontecimentos desportivos do Continente, Ilhas e Africa, através da fotografia.

Convidamos os nossos leitores a enviar-nos provas fotográficas dos assuntos que desejariam ver publicados, pois merecerão o nosso melhor acolhimento desde que se apresentem em perfeitas condições de reprodução.

BARREIRA DE SOL HIPISMO

A «Taça de Ouro»

Campo Pequeno, 15 de Abril

A empresa do Campo Pequeno vê-se este ano a braços com sérias dificuldades no referente à aquisição de matéria prima. Os toiros dos srs. Oliveira & Irmão, de Samora Correia, ofereceram fracas condições para a lide, que pouco ou nenhum brilho teve, a despeito da vontade manifestada pelos artistas.

Simão da Veiga, que actualmente dispõe de excelentes montadas, procurou tirar partido dos dois toiros que lhe couberam — os menos mansos da tarde — exibindo um toureio alegre, de seu estilo peculiar. O nável cavaleiro Murteira Correia afirmou os créditos anteriormente adquiridos e conseguiu entusiasmar no 6.º, com a preparação e a colocação de dois bons pares de bandarilhas a duas mãos.

Aos espadas da tarde, o mexicano Juan Estrada e o mais jovem dos Bienvenida, Angel Luis, ambos toureiros incitadores e artistas, coube o pior lote, pelo que apenas nos deram de bom alguns detalhes isolados com capote e muleta. Angel Luis colocou também dois bons pares de bandarilhas.

Augusto Gomes muito aplaudido na *faena* de muleta que ministrou a um dos toiros de cavalo. Esteve diligente e oportuno na brega, como os seus colegas Procopio, Saraiva e Correia. Quatro pegas de cara, a do 2.º toiro muito rija e emocionante pela demora nas ajudas, que obrigou o forçado a aguentar-se valentemente nos derrotos.

J. E.

O SPORTIVO DE PEDROUÇOS

e as suas escolas de natação

No Clube Sportivo de Pedrouços estão já abertas as inscrições para as escolas de natação de próxima época. Os cursos, a começar na sua piscina em dolo e anular, serão dirigidos por Octávio Gaspar, Edgar Broughton, Vitor Franco, José Pacheco e Gabriel Rocha, que terão a seu cargo os de aprendizagem, e António dos Santos, que se encarregará dos de aperfeiçoamento.

Atendendo aos bons resultados colhidos na última época com os cursos nocturnos de aprendizagem, o Pedrouços reptil-os-á este ano, a partir de Junho.

SPORT GRUPO SACAVENENSE

Com uma sessão efectuada no domingo, com farta concorrência, o Sport Grupo Sacavenense encerrou as festas comemorativas do 35.º aniversário, pelo qual repetimos as nossas felicitações.

N O hipódromo do Jockey Club e na presença do major Ivens Ferraz, nomeado seleccionador da equipa nacional, realizaram-se os treinos para a «Taça de Ouro da Península», a disputar no Concurso de Lisboa.

Compareceram todos os oficiais previamente escolhidos, que montaram os cavalos indicados pelo seleccionador, alguns dos quais se apresentaram já em boa forma.

O capitão Guedes Campos montou o «Rasos», «Selecto» e «Zézere»; o capitão Reimão Nogueira, o «Sado» e o «Congo»; e o capitão Travassos Lopes, o «Académico» e o «Outão», tendo sido este último experimentado pelo tenente Cavaleiro, que também montou o «Ebro».

Integrado no grupo de oficiais seleccionados, vimos o capitão Mena e Silva montar o «Youga» e o «Belver».

Os irlandeses que melhores provas deram foram, sem dúvida, «Zuário» e «Sagres», conduzidos por Henrique Calado e Correia Barreto.

O capitão Fernando Pais apresentou a «Gaza», o tenente Miranda Dias o «Minde», o alferes Moraes o «Desejado» e o alferes Abrantes da Silva, por doença do «Alcoa», limitou-se a estar presente.

O capitão José Beltrão prestou também provas no «Kirsh».

Aos treinos, que decorreram com interesse, compareceram sempre o sr. general Manuel Latino e alguns oficiais superiores da arma de cavalaria.

Os seleccionados continuarão a trabalhar os cavalos, não se sabendo por enquanto a constituição definitiva da equipa que representará as cores nacionais na «Taça de Ouro».

A «poule» de domingo foi ganha por Reimão Nogueira no «Congo»

As penúltimas «poules» da Primavera tiveram no passado domingo menos concorrentes do que as anteriores, se bem que tivessem comparecido os cavaleiros mais classificados na Taça «Rodrigo de Castro Pereira».

O percurso, mais difícil do que os transactos, forçou os concorrentes a penalizações e não se registou qualquer prova «limpa».

O vencedor foi o capitão Reimão Nogueira, que, montando o «Congo» como éle sabe, conseguiu, com um derrube, o melhor tempo.

Gostámos de ver Joaquim Barreto no «Selecto». Desembaraçado, dando bem as voltas e aproveitando as boas qualidades do cavalo, coube-lhe com justiça o 2.º lugar.

O capitão José Beltrão continua à frente da classificação geral, de onde já não parece fácil desalojar-lo.

A primeira «poule», que decorreu sem interesse, foi ganha por Pereira Coutinho, no «Ribamar II», com o único percurso sem faltas.

ANTAS TELXEIRA

AS PRIMEIRAS *imagens gráficas*
da nova edição da
"TAÇA DE PORTUGAL."



SPORTING-F. C. DÓRTO: 1 — Barrigana defende uma bola rematada por alto, auxiliado por Gullbar. 2 — Araújo prepara-se para «chutar» às rédes, vendo-se Cardoso em acção, seguido por Marques, Lourenço e Veríssimo. 3 — Um remate de Peyroteo, sem consequência. Camilo, António Marques, Octaviano e Guilhar seguem a bola com os olhos. 4 — De novo Barrigana em acção para deter um remate de Albano, encoberto por Juveniano (Nano), Peyroteo já chegará tarde. CUF-OLHANENSE: 5 — Uma boa defesa de Eduardo Santos, enquanto Gomes e Armindo observam o lance. 6 — Uma jogada confusa junto das rédes da «Cuf.» ATLÉTICO-S. L. ELVAS: 7 — Gregório e Lopes saltam para impedir o remate de Domingos. 8 — Serano apronta-se para a defesa que Catinina procura estorvar. BELENENSES-ESTORIL: 9 — O «goal» de Rafael, único do encontro. Dentro da rede está Mário Coelho e, desanimados, vêem-se Alberto e Valongo. Repare-se no contentamento de garçótes detrás das rédes... 10 — Valongo lanç u-se para a bola, mas esta vai para fora, reconhecendo-se na gravura, Ferreira, Sbarra e Alberto. 11 — Um pontapé de canto contra o Estoril, Valongo, Ferreira, Amaro, Alberto, José Pedro e Sbarra estão em movimento

UMA CRISE JORNALÍSTICA... no SPORT LISBOA E BENFICA

REBÊLO DA SILVA esclarece e reforça algumas das declarações que fez à «Stadium»

COMO dissei no nosso último número, Rebêlo da Silva, nosso estimado amigo e camarada de imprensa, enviou-nos a carta que gostamos de publicarmos a seguir, na íntegra:

Meu prezado amigo e excelente camarada:

Perdê-me vir importuná-lo para lhe solicitar o favor da publicação desta carta, que visa a dois esclarecimentos que muito me interesse, a propósito da entrevista que dei à Stadium, e semana passada.

Em primeiríssimo lugar quero contestar a opinião posta a correr — por pouca repercussão que ela haja tido — de que eu desloquei o assunto do seu lugar próprio — que seria a assembleia geral do Benfica.

Ora a questão que me levou a abandonar o semanário do clube não é de natureza privada, como muitos pretendem e eu próprio cheguei a admitir. Supondo que o facto, teria limitadíssimo interesse. Efectivamente, a simples circunstância de se tratar de um incidente de carácter jornalístico concedeu-lhe logo vastos horizontes, que não podiam limitar-se às quatro paredes do clube. Depois há a considerar que eu servi o clube dentro da minha profissão e que tudo o que se passou não pode ser abstraído dessa profissão. Não se dá o mesmo, por exemplo, com os dirigentes que, sendo médicos, advogados, funcionários públicos, comerciantes, empregados de escritório, etc., não colocam normalmente em causa o prestígio das suas «artes e ofícios». Portanto, posto em cheque com um incidente que chocava com a minha profissão, e à volta do qual não faltaram desde logo aqueles comentários a que as «almas da-

nhas» nunca se poupam, o despoimento que fiz à Stadium teve o seu lugar próprio — na imprensa e numa publicação desportiva.

De resto eu tive a lealdade de comunicar à direcção do Benfica que me reservava o direito de dar ao assunto a publicidade que julgasse conveniente para esclarecimento público da minha atitude e quando e como o entendesse oportuno.

E acresce ainda que até à reunião da Assembleia Geral — inexplicavelmente retardada — a questão perderia oportunidade e entraria na «poeira dos tempos». Estas coisas ou se explicam logo, ou não se explicam nunca.

Ainda outro sector menos adverso foi de opinião que eu podia ter limitado a entrevista aos actos directivos que me diziam respeito. Outro engano, afinal. Eu não pretendi «apenas» apreciar os actos directivos relacionados com o meu caso, embora este existisse naturalissimamente em primeiro lugar. Não. Eu quis interessar a massa associativa no «meu caso», porque ele é de certo modo o reflexo de uma situação que o clube não pode nem deve prolongar, porque anda há um ror de tempo a viver na sombra dos seus triunfos desportivos e é mister que realize aquela obra por que todos os benfiquistas anseiam. Quis, numa palavra, coerente com atitude igual manifestada noutras ocasiões, que a massa associativa tomasse a peito a vida interna do clube e se decidisse a intervir nela para defender o futuro.

A relutância que leve a entrevista, e o êxito jornalístico que ela proporcionou à Stadium, levam-me a crer que nem a Stadium nem eu perdemos o nosso tempo.

Pelo menos uma coisa se lucrrou: o cargo que eu voluntariamente abandonei não foi preen-

A EDUCAÇÃO FÍSICA DA CRIANÇA



A saúde e a alegria de um grupo de garotos suecos transparece magnificamente nesta fase de actividade com a bola medicinal

Uma nova que se confirma

O C. A. Campo de Ourique

prepara de facto a sua secção de futebol

A iniciativa tomada por um grupo de sócios do Campo de Ourique — Augusto Tavares, José Alves Ferreira, Diamantino Braz e António Loreno — de organizar uma secção de futebol, teve o melhor acolhimento por parte da direcção e da massa associativa do simpático clube.

— Evidentemente que a referida tentativa tem o objectivo principal de movimentar tanto quanto possível a acção e desenvolvimento a que o C. A. C. O. tem direito — disse-nos o sr. Benvido Cardoso, numa das últimas noites, quando trocávamos algumas impressões sobre a iniciativa.

Falávamos com o conhecido dirigente desportivo no gabinete da direcção, junto à vistosa vitrina dos trofeus do Campo de Ourique, indicação segura do valor deste clube de características populares e bairristas, mas de boa projecção no desporto nacional.

— O Campo de Ourique poderia ter hoje uma grande equipa de futebol — informa-nos Benvido Cardoso.

«Quando o meu clube se fundou existia no bairro um grupo — o Sport «Sempre Fixe», se bem me recorda — no qual jogavam Jorge Tavares, Vitor Hugo, João da Amélia, Xico Pato, Luis Costa e Bombita, elementos que pouco depois foram grandes no futebol. Pois todos eles queriam a fusão do seu clube com o Campo de Ourique... Não chegámos, porém, a acôrdo...

— A iniciativa de agora...

— Deve atingir bom termo! Tudo está dependente das negociações para conseguir o campo de jogos. Vamos dirigir-nos às entidades oficiais, solicitando-lhes a sua valiosa interferência no pormenor mais importante para a nossa ideia vingar.

chido tal como se propalou. Arripiou-se caminho, o que já é alguma coisa. Por decoro e para prestígio da nossa profissão, assim é que está certo. Que o indivíduo em questão ganhe a sua vida, plenamente de acôrdo; mas que se lhe concedam lugares de evidência e não ler em conta o respeito que devemos à dignidade de todos. E tenho dito.

«Agora espero pela assembleia geral, onde irei da melhor vontade prestar contas dos meus actos e aceitar o seu «verdictum».

Tranquiliza-me a certeza de que com a minha estadia no jornal do clube só lhe levei benefícios. Digo-o sem jactância. Assim todos possam dizer o mesmo e acabaremos por concluir que estamos todos de acôrdo. E isso será o ideal.

Ainda agora se entregaram os emblemas de «Dedicação» aos sócios com mais de vinte e cinco anos de clube, devidos há alguns anos. E não se dirá, certamente, que não foi consequência de eu ler agitado a ideia de pagar-se essa dívida.

Creia-me camarada, admirador e amigo.

(a) Rebêlo da Silva

— O futebol está então em marcha no Campo de Ourique...

— O grande jôgo mantém cada vez mais as suas características de popularidade, absorvendo as atenções de quantos gostam de manifestações desportivas. Depois, reconhecemos o interesse que existirá neste bairro pelo C. A. Campo de Ourique, desde que tenhamos a nossa secção de futebol, a pesar naturalmente como factor de boa propaganda do clube.

Se bem que, ao contrário que se afirmou, algo haja de concreto sobre a iniciativa do C. A. C. O., aproveitamos a oportunidade para prolongar, a propósito, a nossa conversa. Falou-se um pouco mais do Campo de Ourique e do bairro.

— O clube, não abdicando do prestígio adquirido durante 22 anos de boa actividade — o aniversário festeja-se em Maio próximo — apresenta-se como expoente magnífico de quanto pode a dedicação e o entusiasmo dos que pensaram um dia levar por diante a obra desta colectividade desportiva. E todavia aguardamos ainda o dia em que o nosso bairro reconheça a sério o valor do Clube.

(Continua na página 15)

Está em Portugal uma nadadora olímpica



MARGARET GEHL

professora de educação física e nadadora alemã, especialista em saltos, que tomou parte nos Jogos de 1936 e que já ensinou a nadar entre nós centenas de crianças

HANDBALL

Um acontecimento
— Mau precedente
— Uma desistência

ATINGIU foros de acontecimento excepcional no «handball» portuense o encontro Vidorosa-Pôrto, a contar para o campeonato regional. Milhares de pessoas — um «record» de assistência — viveram uma hora de entusiástica emoção, acompanhando a evolução de um jogo que correspondeu bem à ansiedade pública. E, como desfecho apoteótico, o empate fixou o resultado de uma

pôr as coisas no seu devido lugar. Ainda na última, de tão triste memória, o delegado do grupo de Santa Catarina ventillou o assunto, não pensando que ele voltaria à cena por intermédio de outros clubes.

Nada custa, pois, dar a «mão» a palmaria — quando os factos o aconselham.

◆ Continua sem se realizar o campeonato de reservas. O de ju-



O grupo do F. C. do Pôrto, actual campeão nortenho de «handball»

luta que tinha sido matematicamente equilibrada. Hoje não há motivos a lamentar, porque a vitória soube fugir a ambos os grupos na melhor ocasião.

Mantem-se, pois, a classificação quanto ao primeiro lugar, e como as próximas jornadas, na melhor das hipóteses, não devem trazer surpresas, o fim do torneio chegará com os grupos em igualdade.

A perspectiva de um novo encontro, para desempate, faz desde já criar optimo ambiente de propaganda e, ao mesmo tempo, promete encerramento fulgurante para o campeonato do Pôrto.

◆ A infeliz decisão da Comissão Administrativa da A. H. P., na época passada, quando do apuramento do último classificado da 1.ª Divisão, e de que foi vítima o Sport C. do Pôrto, abriu um precedente que é forçoso cancelar. Há, neste caso, duas circunstâncias a considerar: uma, pelo aspecto regulamentar; outra, pelo aspecto moral. Os «handballistas» portuenses, segundo as suas paixões, defendem os seus pontos: os do Vigorosa, exigindo da associação regional a adopção do critério seguido na última época — do «goal-average»; os do F. C. do Pôrto, o cumprimento do regulamento interno, que preconiza a realização de um jogo de desempate.

Nesta onda de vontades, só a voz da razão deve ser ouvida — a que represente o direito, o Regulamento. Se se cometeu um erro na época passada, não se vá, por isso, persistir — mas dissipá-lo definitivamente.

A propósito: o Sport deve ser resgatado do erro de que não teve culpa, competindo à Associação, numa próxima assembleia geral, re-

niores também permanece esquecido, o que, no futuro, pode causar certo prejuizo às equipas.

Reconhecemos que a agitação nas 'feras' directivas, verificada

(Continua na pág. 13)



HIPISMO — A taça «Centro Hípico do Pôrto»

De esquerda para a direita: Capitão Frazão, 1.º, no «Callis»; Capitão Margarida, 2.º, no «Alfredora»; e D. Helena Fortes, 3.ª, no «Zero»

Stadium

na Capital do Norte

De 8 em 8 dias

Quem ajuda o Sport Progresso?

O Sport Progresso foi, há anos, uma florescente colectividade desportiva, disputando o campeonato regional da 1.ª divisão. Mais tarde, diversas contrariedades e o abandono de alguns dos principais obreiros da sua magnífica actividade, causaram a ruína do clube, atirando-o para a 3.ª divisão.

A má sorte não o deixa — e agora vê-se sem campo de jogos, tendo de servir-se de um, por empréstimo, graças à generosidade da direcção do Selgueiros.

Um grupo de dedicados progressistas pretende lançar a ideia — e passá-la à realidade — de conseguir um novo campo para o clube. Constituídos em comissão, de acordo com os corpos gerentes, estão a tentar a organização de jogos de futebol, um dos quais colocará, frente a frente, o seu actual 1.º grupo e um conjunto de autênticos valores do Sport Progresso, dos tempos em que a sua posição estava de acordo com o nome.

Bom será de todos o auxiliem, de forma a que consiga, ainda para a próxima época, o seu almejado campo.

Pelo ciclismo...

Concluídas as provas oficiais do calendário da Associação de Ciclismo do Norte, com a vitória atribuída a Império dos Santos, do Selgueiros, em independentes, o F. C. do Pôrto protestou a última prova alegando que o corredor «encarnado» havia infringido o regulamento desportivo, por ter sido auxiliado por um camarada de equipa.

Vamos a ver o que dará este protesto e qual o razão que assiste ao F. C. do Pôrto.

Oxalá que as coisas não demorem, para não arranjar-mos irrealidades para as competições nacionais — como é costume...

Actualmente, Teodomiro Argente Junior preside às duas associações regionais mais representativas, depois do futebol: a de atletismo e a de «basketball». Nesses organismos, o seu precioso e incansável trabalho tem-se feito sentir da maneira mais agradável — honrando sempre o seu clube, o Académico, e o próprio desporto nortenho.

Hipismo

Justíssima é a homenagem que gostosamente lhe prestamos, apontando-o como exemplo salutar de espirito de sacrificio em favor da Causa Desportiva.

O Centro Hípico do Pôrto continua com a sua salutar tarefa de propaganda do hipismo, realizando diversas provas. Ultimamente, no hipódromo da avenida Epitácio Pessoa, realizou-se uma «poule» que

(Cont. na pág. 13)

A Figura da Semana

Teodomiro Argente Júnior

DO Académico do Pôrto não têm saído somente praticantes de incontestável valor técnico — alguns deles verdadeiras glórias do desporto nacional — mas também dirigentes da mais alta capacidade orientadora. Quere isto dizer que o clube do Lima tem cumprido, como poucos, a sua missão de «escola de desporto». Por isso os portuenses se orgulham dele, reverendo-se no seu admirável historial.

Pois Teodomiro Argente Júnior — o nosso «focado» de hoje — per-lence a essa magnífica «escola desportiva» que é o Académico. Foi lá que iniciou a sua prodigiosa actividade directiva. Isto equivale a dizer que Ar-

gente Junior possui lódas as qualidades para triunfar na ingrata missão a que se votou.

Orador fluente, trabalhador e honesto, Teodomiro Argente Junior possui magnifico conjunto de qualidades, que o impõem à consideração geral.

O seu «nome» ganhou notoriedade, primeiro no decorrer dos seis anos em que ocupou o lugar de 1.º secretário da direcção do Académico. Depois, o «seu» clube confiou-lhe o alto cargo de capitão geral de lódas as secções — e aqui se prova que a sua acção anterior tinha agradado plenamente. Entretanto, também a Associação de Futebol o via nos seus corpos gerentes, no posto de vogal da direcção.

Actualmente, Teodomiro Argente Junior preside às duas associações regionais mais representativas, depois do futebol: a de atletismo e a de «basketball». Nesses organismos, o seu precioso e incansável trabalho tem-se feito sentir da maneira mais agradável — honrando sempre o seu clube, o Académico, e o próprio desporto nortenho.

Justíssima é a homenagem que gostosamente lhe prestamos, apontando-o como exemplo salutar de espirito de sacrificio em favor da Causa Desportiva.

Actualmente, Teodomiro Argente Junior preside às duas associações regionais mais representativas, depois do futebol: a de atletismo e a de «basketball». Nesses organismos, o seu precioso e incansável trabalho tem-se feito sentir da maneira mais agradável — honrando sempre o seu clube, o Académico, e o próprio desporto nortenho.

Justíssima é a homenagem que gostosamente lhe prestamos, apontando-o como exemplo salutar de espirito de sacrificio em favor da Causa Desportiva.

CORRIGENDA: Na nossa última «figura da semana» — Amável de Carvalho — houve um lapso, que rectificamos. Onde se lê: «...mais de duas dezenas de arbitragens...», deve lêr-se: «mais de duas centenas de arbitragens».

HIPISMO — Os treinos para a «Taça de Ouro» e as poulas da Sociedade Hípica — Em baixo: Na presença do sr. general Manuel Latino o major Ivens Ferraz comenta o decorrer do segundo treino para seleção dos nossos representantes na próxima disputa da «Taça de Ouro». À direita: o capitão Correia Barrento, vencedor da «poule» de domingo no campo do Jockey.



«TENNIS» DE MESA — As gentis representantes de Benfica e do Liberalado, que disputaram há dias um encontro a contar para o campeonato de Lisboa em desfilamento.



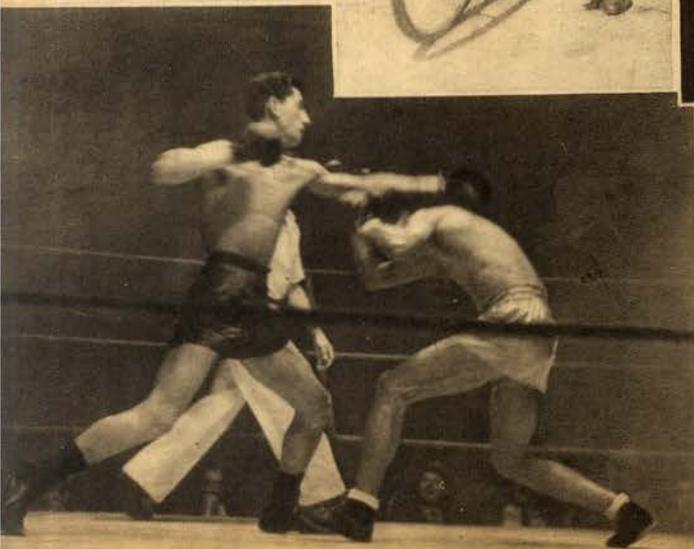
CICLISMO — Os amadores que triunfaram na prova de domingo: à esquerda, Abílio Quadros; em baixo, Maximi no Rola



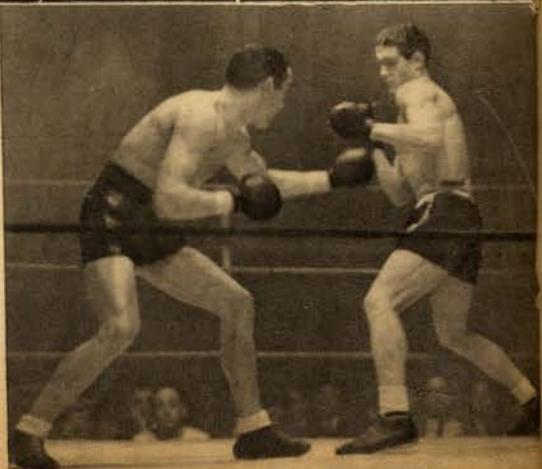
RUGBY — O primeiro torneio da Associação de Lisboa — Em cima: Fase do encontro entre os «quinze», do Bolenenses e do Benfica, nas Salésias, a contar para o torneio de abertura da A. R. L.

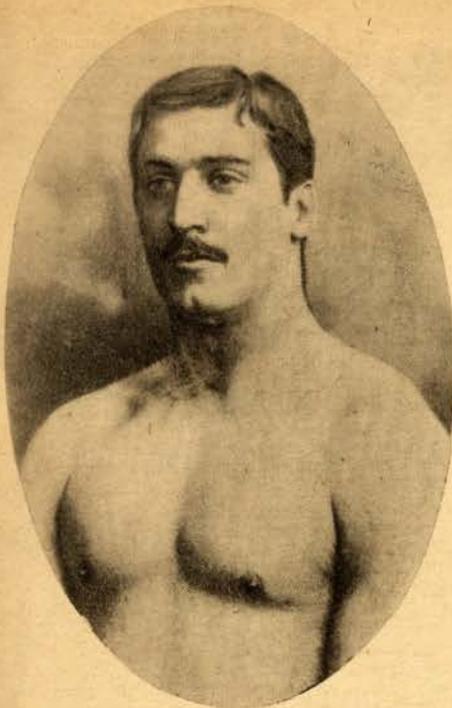
O SPORTING RETRIBUIU A VISITA DO BENFICA

cuja sede registou nessa noite grande animação. As fotografias (em baixo, da esquerda para a direita) mostram o dr. Barreira de Campos e Felix Bermudes no momento em que fizeram ouvir os seus brindes



MAIS UMA SESSÃO DE BOXE NO PARQUE MAYER — À esquerda: Inácio combate entre Trindade, um novo que promete, e J. Teixeira; à direita: Sousa e Figueiredo barrem-se





O combate entre Caldas e Nascimento de Lys pode considerar-se o primeiro campeonato de Portugal de todas as categorias, não só pelo facto dos dois adversários terem convidado qualquer pugilista a contestar as pretensões de ambos, mas também pela duração do encontro.

Na pesagem Lys alcançara 67,5 quilos, enquanto Humberto Caldas chegava a 77,9, registando-se, por consequência, um desnível grande a favor do segundo nomeado. Isto não impediu que a peleja se tornasse equilibrada, pois à superioridade física de Caldas opunha-se à supremacia técnica de Lys.

No final do 2.º assalto a pontuação e a dureza dos golpes trocados estavam em desfavor de Caldas. Apesar da sua coragem e das faculdades da resistência exibidas, o público percebeu que só um golpe inesperado e feliz poderia trazer-lhe a vitória. O terceiro assalto foi homérico: Caldas toca fortemente o fígado e faz recuar Nascimento de Lys. No assalto imediato ainda Caldas atinge o adversário com um sóco ao estômago — mas recebe grande abundância de golpes na cara.

Depois, a partir de 6.º round, Nascimento de Lys aumenta a sua vantagem, furtando-se às arremetidas do antagonista. O 7.º e 8.º assaltos são contestados de um e de outro lado com todo o vigor, mas Caldas tem as faces duramente marcadas e cambaleia. Durante o 9.º assalto a punição que recebe aumenta-lhe as contusões e o sofrimento.

A 30 segundos do "timbre", final do 10.º assalto, e apesar da valentia de que deu largas provas nos assaltos precedentes, Humberto Caldas foi posto aparatosamente K-O, tombando sem conhecimento, com os braços abertos em cruz e os olhos desmedidamente saídos das órbitas, colhido por um duplo *hook* à ponta do queixo.

Depois deste encontro dramático o boxe caiu num marasmo e desfalecimento pouco compreensíveis. Julgamos, porém, que a impressão deprimente, produzida no espírito de alguns amadores menos entusiastas, pelo espectáculo do pugilista massacrado e martelado, sangrando profusamente, não deve ter sido estranha ao brusco e imprevisível desinteresse dos praticantes incipientes.

Houve uma excepção: José da Silva Ruivo. Nem esmoreceu nem deixou a actividade e, pelo empenho con-

tínuo e permanente que mostrou de combater qualquer adversário, foi um factor de propaganda importante. A "causa", graças a Ruivo, manteve-se, embora enfraquecida, em actividade latente. Registemos muito embora as suas fracas manifestações:

— Em fins de Janeiro de 1913 o Nacional Sport Clube abre uma aula de boxe, dirigida amavelmente por Silva Ruivo.

— No dia 14 de Março de 1913, durante a Semana Desportiva do jornal "O Mundo", organização de Rui da Cunha, Silva Ruivo combate o amador Francisco Santos (leves) e obtém um empate. Outro amador, de apelido Rijo, conquistou o trofeu dos médios, vencendo um adversário cujo nome se perdeu.

— Em Abril, o Sport Club Progresso reabriu a aula de boxe dirigida por Paulo Larroux e na qual se inscreveram muitos alunos.

— A 7 de Maio aparece na imprensa uma carta, assinada pelo amador João Costa, desafiando os campeões de leves e meios-médios. Responderam ao repto Ruivo, Artur Alves e Marques Neves, mas o desafiante excluiu o último nomeado, alegando que se havia tornado profissional (!). Por fim, do repto nada resultou e só no dia 23 de Junho se fez em Lisboa um combate de algum interesse.

Disputaram-no Silva Ruivo e o americano Jack Hanlon, em 10 assaltos de 2 minutos. A luta travou-se no demolido Coliseu de Lisboa, na rua da Palma.

Hanlon era bastante mais pesado e mais hábil que Silva Ruivo. Sabia muito do officio e fez o que quis do adversário, poupando-o ao castigo mas dominando-o amplamente por pontos. A decisão de empate foi um acto de injustiça e de ignorância flagrantes.

Ruivo, passado pouco tempo, pensou em fazer-se profissional e desafiou Marques Neves para disputa do titulo de campeão de Portugal da categoria dos leves. Tal encontro, porém, não se levou a cabo.

A jovem Federação eclipsara-se, no que respeita a trabalho útil, e o pugilismo amador vivia da actividade de Ruivo e de mais dois ou três.

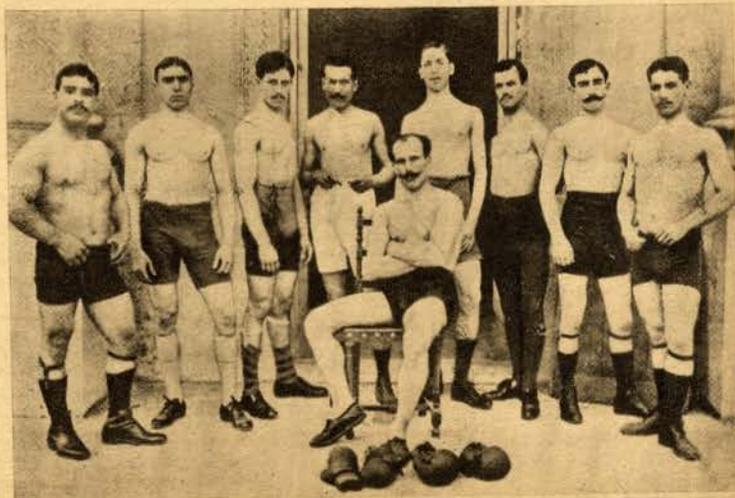
No final do ano de 1913 surgiu um nome novo no pugilismo. A 29 de Setembro, no Free Trade Hall, de Manchester, e na presença de bastante público o antigo lutador de greco-romana Basílio de Oliveira estreou-se como pugilista, combatendo um amador alemão.

Basílio recebera lições de Jack Dare e conseguiu derrotar por pontos o adversário, de apelido Lieben, depois de 6 assaltos de 2 minutos.

Em Dezembro do mesmo ano Basílio conquistou novos louros. Em Londres, pôs *knockout*, ao 3.º round, Tom Burke, outro amador com prosápias.

E o ano de 1913 findou sem outros quaisquer factos importantes a registar. Caldas retirara-se do País e fixara residência no estrangeiro. Marques Neves pendurara as "luvas" para todo o sempre, o mesmo que Caldas, e só Ruivo persistia ateiosamente em continuar a prática do pugilismo.

(Continua)



Em cima: Humberto Caldas. Em baixo: Um grupo de amadores discípulos de Paulo Larroux, que recebiam lições na antiga sala de armas do Centro Nacional de Esgrima, ao tempo instalada no salão do Teatro de S. Carlos

ATLETISMO

Uma dúzia de exercícios gimnásticos de preparação física

XI — Para os saltadores de triplo

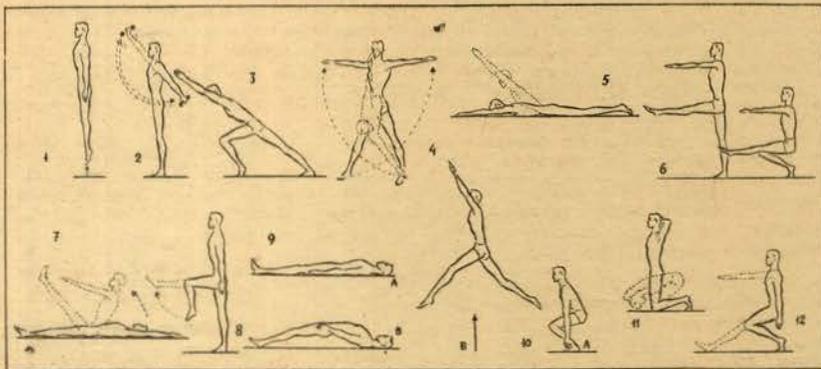
Aviso prévio: Não se trata aqui de esquemas de lições de ginástica, mas apenas de uma escolha de alguns entre os muitos exercícios que melhor correspondem às necessidades de preparação física especializada destes atletas.

Também não escrevi estas notas para professores; esses não precisam do meu conselho. Escrevi para os rapazes que trabalham sem assistência de técnico competente e por isso redigi o enunciado dos exercícios fora das regras da terminologia oficial, de maneira a ser compreendido por eles aquilo que pretendo explicar.

SALAZAR CARREIRA

1—Saltar sobre as pontas dos pés unidos, sem flectir os joelhos e elevando progressivamente a altura dos saltos. (Fig. 1)

Progressão: o mesmo exercício, tomando impulso com um único pé em apoio. (Uma tantas vezes sobre o pé esquerdo e outras tantas sobre o direito).



2—De pé, pequenos pesos nas mãos: oscilações cruzadas dos braços para baixo e para cima, passando pela frente. (Fig. 2)

3—A-fundo longo em frente, alternadamente esquerdo e direito, assentando o pé que se desloca sobre a ponta dos dedos e levantando os dois braços estendidos pela frente até ao prolongamento da perna de trás e do tronco. (Fig. 3)

4—De pé, pernas afastadas, braços em extensão lateral: flexão anterior e torsão do tronco, tocando com a mão direita atrás do pé

esquerdo e mantendo o outro braço em extensão vertical; levantar e repetir no inverso (Fig. 4).

Progressão: aumentar o afastamento dos pés e deliciar tocar com a mão cada vez mais longe, insistindo.

5—Deitado facial, braços estendidos aos la-

RUGBY

Vamos aprender como se joga?

X—O médio de abertura, chave do grupo

O médio de abertura precisa de ser o mais desembaraçado e expedito de todos os jogadores; dele partem todas as iniciativas de ataque e da rápida apreciação por ele feita no momento de receber a bola, à saída da formação, depende o êxito ou o fracasso da ofensiva.

Agente directo de ligação entre os avançados e as linhas da rectaguarda, compete-lhe, antes de começar qualquer movimento, avisar não só o outro médio da posição que vai tomar, como já dissemos, mas também os três-quartos dos seus propósitos de construção do ataque.

Claro é que tais avisos apenas podem ser feitos por sinais pré-estabelecidos e pouco evidentes, pois deve contar com a vigilância do adversário, tão atenta como a sua o deve ser, na previsão de igual manobra do outro lado.

Suponhamos portanto que o médio de abertura recebeu em boas condições a bola e conseguiu evitar o médio de abertura contrário, mas encontra o caminho impedido por um dos três-quartos, vendo-se forçado a tomar decisão imediata. É aqui que se conhecem as suas qualidades e só imperturbável calma e domínio próprio lhe podem permitir a exacta visão dos factos; apresentam-se-lhe, efectivamente, várias soluções, entre as quais terá de escolher sem hesitação:

1.º—passar a bola a um dos três-quartos que o seguem, à direita ou à esquerda; 2.º—ganhar terreno, dando um pontapé à linha; 3.º—fintar o homem que lhe impede a passagem e, em caso de êxito, continuar correndo com a bola; 4.º—dar pequeno pontapé que faça passar a bola por cima do adversário, conti-

nuando a correr para dela se reapossar antes que o adversário tenha tido a possibilidade de o fazer; 5.º—deslocar o jôgo para a asa oposta, por meio de longo pontapé.

O primeiro processo indicado é o início do ataque clássico da linha de três-quartos e, se o médio de abertura soube evitar a prisão do adversário directo, as sucessivas transmissões da bola fá-la-ão chegar por último ao ponta que se encontra desmarcado e, por conseguinte, apto a ir até ao ensaio, se o defesa contrário, único obstáculo a vencer, disso o não impedir.

O pontapé à linha deve ser dado nos seguintes casos: 1.º—quando o vento sopra com força na direcção favorável; 2.º—quando a formação tem lugar em terreno de defesa, perto das próprias balizas; 3.º—quando a vitória está segura e se temem os riscos do ataque por passes à mão.

A finta de passagem é um estratagema de excelentes resultados, mas de que é preciso não abusar, para não cair em lamentáveis excessos de pessoalismo. O médio deve, em circunstâncias favoráveis, tentar o ludíbrio do adversário directo mas, em caso de êxito, não fica justificada a repetição da experiência ante quantos antagonistas lhe apareçam pela frente.

O médio que se deixa agarrar após uma finta e antes de haver passado a bola a um companheiro, perdeu todo o benefício da sua primeira iniciativa.

Após uma finta de passagem, que atraia para determinado ponto as atenções da defesa contrária, a passagem definitiva deve ser efectuada em sentido contrário à finta.

Finalmente, e ainda na mesma ordem de ideias, é indispensável ao médio o perfeito cri-

CRÓNICA DE COIMBRA

A ACADEMIA E OS OUTROS CLUBES nos campeonatos de futebol

Os grandes torneios nacionais de futebol, o torneio de reservas e o campeonato regional de juniores vão prosseguindo com regularidade, no conjunto dos clubes que os disputem, mas sem que as equipas conimbricenses registem resultados que correspondem ao valor afirmado em campo.

A Associação Académica tem sido o clube mais sacrificado. O seu entusiasmo vibrante não bastou ainda para vencer a crise com que tem lutado há meses. Primeiro foi a saída dos que se deslocaram para outros clubes, um ou outro esquecendo os benefícios que devem à Académica. Depois, uma série de contrariedades que não há maneira de findar.

Os que ficam têm lutado com ânimo e confiança. Tem por vezes sido admirável o seu espírito de dedicação. Em determinada altura, com o dr. Albano Paulo de novo nas funções de treinador, pareceu que o «conze» académico reconquistaria a homogeneidade de outros tempos.

Cessara na verdade a traça de jogadores, relativamente aos seus lugares habituais. Conceleção

(Continua na pag. seguinte)

Há resposta para tudo...

(Continuação da página 3)

e boa saúde. Só joga quando o põem a jogar.

A deslocação do Benfica a Madrid, para já, parece comprometida. Já ouvimos falar num Belenenses-Madrid.

Há tempos, Manuel da Costa disse-nos: Temo não poder jogar mais a bola. A minha lesão está de difícil cura.

P. 59 — Alvaro Gaspar foi um grande jogador?

Que características tinha? Jogou no Benfica ou no Sporting?

Em que ano morreu? (Um velho, da Figueira da Foz).

R. 59 — Alvaro Gaspar, que não vimos jogar, foi um extraordinário futebolista, segundo testemunho dos homens do seu tempo.

Distinguiu-se especialmente pela arte e excelência do dribling, característica muito apreciada no futebol daquela época.

Jogou no Benfica. Em 1915.

P. 60 — A formação de Portugal será a mesma que jogou contra a Espanha na nossa capital?

Consta cá para o Norte que Octávio Barrosa é médico. Será verdade?

O grande Francisco Ferreira irá para o Madrid? (De Joaquim Alves Castanheira, de Lamas da Feira).

R. 60 — Deve haver alteração. Barrosa não é médico.

Francisco Ferreira não sai do Benfica.

(Já respondemos à sua 1.ª pergunta).

tério de julgamento da oportunidade de fintar; deve fazê-lo sempre por forma que permita aos companheiros segui-lo na corrida, prontos a continuar o movimento ofensivo a que deu início. A excessiva fantasia, desorientando o adversário, tem sobre os companheiros de equipa a mesma pernicioso influência.

Se o médio, ou qualquer outro jogador, consegue atravessar com a bola a linha contrária e se encontra em última instância frente a defesa, nunca deve correr, por desejo pessoalista de marcar, o perigo de fintar, mas unicamente atrair a si o adversário e transmitir a bola a qualquer companheiro que, sem obstáculos, alcançará o ensaio.

Sucede às vezes, nas saídas de formação pouco definidas, que o médio de abertura portador da bola encontra, ao iniciar a corrida e sem que os seus homens se hajam desmarcado, um adversário decidido a abatê-lo.

É o caso de empregar qualquer dos dois últimos recursos que indicamos: dar um pequenino pontapé na bola, fazendo-a passar por cima do antagonista e procurando alcançá-la ao cair da trajetória, ou empregar um pontapé longo, que envie a bola ao alcance do três-quartos ponta do lado oposto àquele onde se desenvolve a jogada.

Estes processos, pela sua incerteza, só são aconselháveis de executar em território inimigo.

Stadium na Capital do Noite

ATLETISMO

«Stadium» patrocinou um animado torneio inter-sócios do Amarante Futebol Clube

Os amarantinos estão de «calma e coração» com o atletismo. Apareceram a época passada, pela primeira vez, na pista do Lima, e já dispõem de razoável conjunto de praticantes, entre os quais há boas promessas. A modalidade encanhou-os; «sentiram» que assim é o que assistiram ao último torneio inter-sócios do Amarante F. C. Muito público e perto de três dezenas de praticantes. Números agradáveis — base sólida para um magnífico futuro.

É de enaltecer o entusiasmo dos dirigentes do Amarante F. C., pois o atletismo é quasi desconhecido naquela vasta região. A acção do Amarante F. C. sai da vulgaridade e toma aspecto de pioneira — serve de exemplo e de incentivo. Depois, os amarantinos, que dispõem de um bom curso de ginástica, mantêm ainda em actividade secções de «volley» (concorreram ao nosso torneio), de «basket», de «ténis» e de «futebol, com teams de «primeiros», «reservas» e «juniões». Prodigiosa actividade, em suma, que coloca o Amarante F. C. como a mais importante agremiação desportiva do distrito — exceptuando, como é lógico, os portuenses.

Para o «Dia do Atletismo» que o Amarante organizou, foi pedido o patrocínio da «Stadium» e a nossa colaboração na orientação técnica do torneio e numa palestra que à noite proferimos na sede do clube.

Os resultados técnicos obtidos são prometedores: José Oliveira correu muito bem os 80 metros, em 9 s. 4/10, e mostrou possuir «estôjo» para fazer progressos; Augusto

Soares passou 2,80 m. na vau, apesar do deficiente material que utilizou; Maurício Coulinho, antigo campeão portuense dos 110 metros barreiras e actual treinador do clube, obteve 6,05 m. no comprimento e parece querer voltar à sua antiga «forma»; Joaquim Mendes, nos lançamentos, foi uma revelação; e outros, como Adelino de Almeida, Gualdino Aires, António Sousa, Adelino Serejão, António e João Pereira, Abílio Silva, Vergílio Silva, deixaram também boa impressão. Resumindo: o Amarante F. C. provou ter trabalhado pelo atletismo e promete figurar em lugar de honra nas próximas competições oficiais.

A noite, a magnífica jornada de propaganda, que os amarantinos em tão boa hora levaram a efeito, teve o seu epílogo numa sessão solene, durante a qual se prestou homenagem a Sampaio Peixoto, campeão nacional, que é natural de Amarante, e a Maurício Coulinho, treinador de atletismo do clube.

A A. P. A. nomeou o nosso camarada Eduardo Soares seleccionador das suas representações

Como esta época vão realizar-se diversos encontros inter-cidades, a direcção da Associação Portuense de Atletismo resolveu nomear seleccionador único das suas representações o nosso estimado camarada Eduardo Soares.

Congratulamo-nos com a escolha da A. P. A. e enviamos ao nosso dedicado companheiro de trabalho um sincero abraço de felicitações.

HANDBALL

(Continuação da página 11)

Últimamente, tem contribuído em parte para o atrazo que se manifesta na realização desses torneios; no entanto, se os clubes quisessem — e para isso bastava corresponder ao pedido que lhes foi feito pela A. H. P. — já essas provas poderiam estar em pleno desenvolvimento.

Mas não é ainda tarde...
 ♦ A Associação Académica de Espinho, que veio este ano concorrer ao campeonato do Pórtio, embora pertença ao distrito de Aveiro, acaba de desistir da prova. Lamentável. Sabíamos, pela experiência de outros anos, que o grupo, depois de vários deslocações, não comperceria nos últimos jogos fora do seu tempo. Repellu-se o facto, e porque o torneio da 2.ª Divisão, ao qual concorria, comportava número ímpar, pelo que se mantinha sempre de fora um grupo, a sua desistência movia agora certo atrazo no decorrer do campeonato, o qual, sem e concorrência da A. Académica, seria evitado.

¶ Porque não tenta o Académica desenvolver na sua região a prática do «handball», chamando a si outros clubes do mesmo distrito?

LEME

DE 8 EM 8 DIAS

(Continuação da página 11)

foi presenciada por uma numerosa assistência, entre a qual muitas senhoras. Concorreram inúmeros cavaleiros, que fizeram percursos muito agradáveis.

No final treinaram diversas amazonas e um pequeno cavaleiro de 8 anos, de nome Pedro Keef.

Propaganda da vela

Dois clubes desta cidade — melhor, do Pórtio e outro de Leixões, o Sport e o Vela Atlântico — têm realizado soberbo trabalho de propaganda desta modalidade, das mais interessantes, mas também das mais caras e trabalhosas. Domingo a domingo, ambos os clubes efectuam provas de diversos tipos de embarcações. Por sua vez, o Centro Especializado de Vela da «Cidade Portuguesa» realiza igualmente provas para os seus filiados, fazendo criar nestes o interesse por tão proveitoso desporto.

Não seria possível disputar provas em conjunto entre as três entidades, criando assim interesse maior pró vela, pela rivalidade desportiva estabelecida entre este terceiro?

Quem sabe o que de útil daria essa aproximação, que não deve ser impossível!

Uma nova que se confirma

(Continuação da página 10)

«Se Campo de Ourique nos ajudasse, que grande clube teríamos já! — diz-nos Benvidio Cardoso, um desabafo compreensivo.

«Mas — continua — temos animo e fé. A obra prosseguirá e não desceremos que ao cabo dela o Campo de Ourique consiga merecida projecção no desporto, para honra dos que lutam desinteressadamente pela causa da Educação Física — e neste caso pelo prestígio deste bocadinho agradável de Lisboa que é o nosso bairro.

Era o momento de interrogar Benvidio Cardoso sobre outro pormenor:

— E... o ciclismo?...
 — Não esqueçamos o popular desporto! O Campo de Ourique tem dado sobejas provas do seu muito interesse pela modalidade do pedal.

«De momento, não é possível manter-se a secção. Mas que não a guerra acabar — o ciclismo voltará a animar as actividades do Campo de Ourique. Princípios novos de novo e recuperaremos a nossa antiga posição!

Eis, rapidamente, um pouco do muito que se pensa fazer no Clube Atlético de Campo de Ourique, sob a impulsiva dedicação e entusiasmo de quantos animam a sua actividade.

F. S.

Crónica de Coimbra

(Continuação da página anterior)

estava em excelente «forma». Voltou a coesão, o conjunto. Venceu alguns triunfos. A pouca sorte não permitiu, porém, outros que estariam iminentes. Registou-se, entretanto, a inutilização demorada de Conceição. E tornou-se a marcar passo... Com o Selgueiros perdeu-se um desafio que podia ser ganho.

Selvou-se, de certo modo, a posição, com vista ao futuro. Não foi tanto como seria para desejar. Não pôde chegar ao plano dos primeiros. Mas já não é o último. Ganhou-se alguma coisa. O resto pode vir com o tempo. A «Taça de Portugal» começou. E talvez as coisas corram melhor...

O União teve manifesta infelicidade, na II Divisão, por causa do empate sofrido no jogo com o Académico, de Viseu. A Naval 1.º de Maio aguentou-se bem, na sua série, mas perdeu depois.

Nos torneios e campeonatos locais há uma luta apertada que pode servir como afirmação de progresso, em reservas e juniores. É no entanto possível que estes torneios deem para nova crónica.

Ano III — II Série — N.º 124
 Lisboa, 18 de Abril de 1945

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

Redacção e Administração

T. Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

Telefone 51146 — LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

TAÇA DE PORTUGAL

Os jogos disputados no Porto



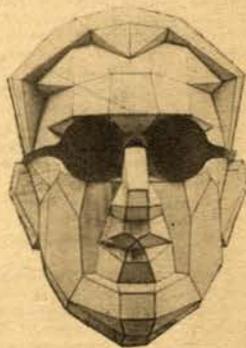
2

SALGUEIROS-BENFICA, 1 — Julinho e João disputam a bola na grande área dos portuenses; **2** — Francisco Ferreira acaba de marcar o 2.º goal dos lisboetas. **BOAVISTA-ACADEMICA, 3** — Os estudantes defendem-se com ardor, para evitarem o empate; **4** — Calado remata, mas sem êxito



No encerramento das comemorações do 41.º aniversário do Benfica

O sr. Director Geral de Desportos preside à sessão solene que antecedeu a entrega de prémios. A fotografia mostra o momento em que Félix Bermudes profere o seu discurso.



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1868
Depositária das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão

138, RUA DA PRATA, 140
Telefone 2 2829 LISBOA